

AS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DO CORPO DISCENTE E DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE FLORESTAL/MG

Dulcimar Aparecida Teixeira Costa¹
Romário Cardoso Costa²

RESUMO

Este estudo se propôs a investigar como se manifestam os atores envolvidos, professores e alunos, nas aulas de Educação Física Escolar do ensino médio da cidade de Florestal/MG, em relação às aulas com participação de alunos de ambos os gêneros, ou seja, mistas. Para isso, fez-se necessário explicitar concepções construídas na Educação Física sobre a prática corporal, interesses, modo de percepção e interferência nas aulas. Há uma contradição no entendimento do conceito do que é aula mista por parte do corpo docente e discente, pois se verificou que, na maioria das vezes, as aulas ocorrem simultaneamente para meninos e meninas no mesmo espaço, com meninas realizando atividades diferentes das dos meninos, separados, o que não caracteriza aula mista. Conclui-se que as aulas mistas, da forma como vêm sendo ministradas pelos docentes, devem ser revistas considerando as orientações curriculares e os PCNs e que os alunos sejam ouvidos na tentativa de ajustar as aulas aos interesses maiores da disciplina e dos praticantes, pois assim a Educação Física estará resgatando o elo esquecido e, ao mesmo tempo, valorizando a sua prática. Sugere-se, portanto, mais estudos que possam ajudar a entender as aulas de Educação Física Escolar, sejam elas mistas ou separadas, mas que elas sejam vistas em função das necessidades dos discentes, oferecendo-lhes conhecimentos suficientes para que possam, em suas vidas, ser autônomos nas suas práticas corporais.

Palavras-chave: gênero, mista, separação, Educação Física, discente, docente.

Recebido para publicação em 08/2014 e aprovado em 07/2015.

¹Estudante de Licenciatura em Educação Física – UFV/Campus Florestal, MG,

²Professor e orientador - UFV/Campus Florestal, MG.

INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1970 e início da década de 1980, quando estudante do ensino de 1º e 2º graus na minha terra natal, Oliveira/MG, tive a oportunidade e experiência de estudar em dois educandários.

Um de ensino de 1º grau adotava turmas mistas para o ensino propedêutico e aulas de Educação Física Escolar separada por gênero, enquanto o de ensino de 2º grau destinava-se à formação de professoras para atuar no ensino infantil, antigo pré-escolar e grupo escolar, e era restrito ao gênero feminino, tendo, portanto, turmas do ensino propedêutico e técnico das aulas de Educação Física Escolar, composto de apenas um gênero: o feminino.

No educandário de 2º grau não eram admitidos alunos do gênero masculino e tampouco docente também do mesmo gênero. Daí a explicação de só terem acesso à docência da educação infantil, naquela época, as mulheres. Apropriando das falas de estudiosos do gênero, citados neste artigo, principalmente Altmann, esses fatos históricos anteriormente relatados revelam uma discriminação marcada pela dominação feminina, e não masculina, que manteve a separação e a hierarquização entre homens e mulheres.

Nas aulas de Educação Física Escolar do meu ensino de 1º grau dificilmente ocorria variação de conteúdos. Mais difícil ainda se tornavam essas aulas quando, esporadicamente, alunos e alunas participavam juntos. As aulas de Educação Física, para os alunos, geralmente aconteciam no campo de futebol da Praça de Esportes, dirigidas por um professor do gênero masculino, e o conteúdo era futebol, enquanto as alunas jogavam voleibol, tendo como professora uma mulher.

Naquela época as turmas eram separadas por gênero, acontecendo muito raramente a participação de alunos e alunas em uma aula de Educação Física Escolar. Nessas aulas, tradicionalmente, realizadas no contraturno, com separação dos gêneros, as potencialidades esportivas dos participantes eram plenamente desenvolvidas, ou seja, não havia restrições quanto ao comportamento físico, técnico ou tático dos alunos, como acontecia em aulas mistas.

No entanto, quando aconteciam as aulas mistas, os alunos do gênero masculino, nos jogos, tinham de restringir seu potencial e o

professor, de adaptar as regras, evitando dessa maneira riscos de acidentes e lesões em decorrência de contato corporal e chutes, arremessos, saques e cortadas mais potentes. Por isso, desmotivados, ocorriam desavenças entre os gêneros, tendo o gênero feminino que ouvir gozações, caracterizadas, hoje, como *bullying*¹

Portanto, se por um lado essas concessões solucionavam um problema, criavam outros, pois quebravam a dinâmica do jogo, e, dessa forma, as meninas eram as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas.

É sabido, através da literatura, conforme afirmam Venturini et al. (2010, p. 1), que “as instituições, família, sociedade, a escola são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados acerca das questões de gênero, cultuando uma história de repressão e segregação quanto aos sexos.”

Romero e Aguiar (1995, p. 1), manifestando-se sobre aulas de Educação Física Escolar separada ou não por gênero, afirmam que:

Essa posição cômoda, trazida pelas aulas de Educação Física, há pouco tempo começou a levantar questionamentos e a propiciar reflexões por parte do corpo docente das escolas, a respeito da eficácia dessa forma de trabalho, e hoje se tem notícias de experiências bem sucedidas de aulas em que alunos de ambos os sexos participam juntos da prática de atividade física, com aulas bem preparadas, longe de exaltar unicamente o rendimento físico. Contudo, em muitas escolas a orientação de separar as turmas por sexo para as aulas de Educação Física ainda persiste, perpetuando uma prática sexista que desfavorece meninos e meninas em determinadas atividades físicas.

Apesar de as turmas mistas nas aulas de Educação Física Escolar serem defendidas por vários autores² como sendo um meio de contribuir para o desenvolvimento das relações humanas, em especial as relações de gênero, este estudo procura compreender essa problemática que envolve a questão gênero sob a ótica dos atores envolvidos diretamente nas aulas: os discentes e os docentes.

¹ Atos agressivos verbais ou físicos de maneira repetitiva por parte de um ou mais alunos contra um ou mais colegas. “Ameaça, intimidação”.

Portanto, este estudo se justifica por elucidar e compreender como se manifestam os atores envolvidos, professores e alunos, nas aulas de Educação Física Escolar do ensino médio da cidade de Florestal/MG no que diz respeito às aulas mistas.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo exploratória e descritiva, sendo a metodologia utilizada a qualitativa, que com frequência é descrita como uma análise temática e, às vezes, como uma análise de discurso e apresentada na análise e interpretação dos resultados com as citações integradas ao texto, ilustrando categorias em particular.

Utilizamos a entrevista como metodologia por considerar que essa técnica nos permite obter informações a respeito do assunto, mediante uma conversação de natureza profissional, além de ser um procedimento utilizado na investigação social para coletar dados e auxiliar no esclarecimento de temas ligados às aulas de Educação Física escolar.

Assim, o instrumento utilizado na coleta de dados nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada, composta por perguntas básicas relacionadas ao tema investigado, que utiliza o padrão pergunta-resposta com o objetivo de obter opiniões, o que nos permitiu construir uma análise e chegar à compreensão do problema delineado.

Manzini (2012, p. 9) afirma que “a entrevista é um processo de interação social, portanto os dados são de natureza social, e isso precisa ser levado em conta na interpretação dos resultados.”

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses relacionados ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

Triviños (1987, p. 152) afirma ainda que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

As entrevistas com os docentes foram realizadas em seus gabinetes e, com os discentes, na sala de reuniões do ginásio coberto da UFV/ Campus Florestal. Os relatos foram gravados e transcritos *ipsis literis* ao corpo do relatório da pesquisa. Buscamos, assim, compreender como os docentes e discentes se posicionam em relação ao tema.

Amostra

A amostra foi composta por professores participantes em número de 5 (cinco), sendo 2 (dois) da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende e 3 (três) da UFV/Campus Florestal/CEDAF, os quais foram convidados inicialmente por meio de comunicação verbal. Após o aceite, um ofício foi entregue em mãos, com as instruções necessárias à participação.

O convite a 20 (vinte) discentes para a participação na coleta de dados foi feito pessoalmente e verbalmente num primeiro momento, sendo 1 (um) aluno de cada gênero do 1º ano, do 2º ano e do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende e, também, do 2º ano e do 3º ano do ensino médio federal da CEDAF/UFV. Após o aceite, também verbal dos convidados, um ofício foi entregue em mãos, contendo todas as instruções necessárias para a participação dos convidados.

A amostra da pesquisa, discentes e docentes, foi cientificada dos procedimentos relativos à coleta dos dados, sendo mantido o anonimato deles e das informações obtidas através das entrevistas. Ainda, cientes e concordantes do objetivo da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi arquivado, tendo acesso aos dados apenas o pesquisador e, quando transcrita a fala dos atores, mantido o anonimato.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Quanto à análise e discussão, estas ocorreram após a realização das entrevistas. As falas dos entrevistados foram transcritas *ipsis literis* com a sua análise e interpretação, como também com considerações sobre seus aspectos relevantes.

Por questões éticas, os participantes, tanto docentes quanto discentes, são mantidos no anonimato em suas falas, sendo nomeados como: DE 1 - Docente Estadual 1; DE 2 - Docente Estadual 2; DF 1 - Docente Federal 1; DF 2 - Docente Federal 2; DF 3 - Docente Federal 3; E 1º - Discente do 1º ano Estadual; E 2º - Discente do 2º ano Estadual; E 3º - Discente do 3º ano Estadual; F 2º - Discente do 2º ano Federal; e F 3º - Discente do 3º ano Federal. A amostra discente foi composta por 20 (vinte) estudantes, sendo dois deles do gênero feminino e dois do masculino, por série.

De acordo com as falas dos atores envolvidos na pesquisa, corpo docente das escolas de ensino médio estadual e federal da cidade de Florestal/MG, há contradição no entendimento do conceito do que é aula mista. O Dicionário Aurélio (2000, p. 465) define a palavra mista em relação à escola como: **“Diz-se do estabelecimento de ensino que admite alunos de ambos os sexos; misturado, baralhado.”** Portanto, a compreensão é de que as atividades sejam realizadas conjuntamente entre os gêneros.

Altmann et al. (2009, p. 4), ao comentarem sobre a questão de aulas mistas, afirmam que “A aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos”. Nas falas dos docentes a opção pela aula mista é quase unanimidade, mas os discentes confirmam a afirmação desses autores quando dizem que, apesar de estarem juntos, no mesmo ambiente, as atividades não são todas realizadas conjuntamente: **“Atualmente separada por gênero! Tem o aquecimento e outra atividade juntos e depois separa [...]”** (E 2º – Grifo nosso).

Nas falas do corpo docente sobre suas opções e justificativas pelo tipo de aula adotada, mista ou separada, fica claro que o aluno não é o foco principal, a razão dessas decisões. Várias foram as justificativas, como: “o sistema me obriga”, “a Faculdade ensinou-me assim”, “os demais horários interferiram”, ou, nas palavras de um dos docentes: “São mistas. Poderia ser separadas: masculino e feminino, mas essa não é a realidade que nossos estagiários, alunos bolsistas vão encontrar lá fora”.

As falas dos discentes denunciam que muitos alunos não sabem o que significa aula mista, visto que suas aulas ocorrem das duas formas; assim, o sistema de ensino da Educação Física Escolar

mista adotado não corresponde aos anseios e às necessidades dos alunos. Às vezes, conforme o relato dos alunos, o conteúdo programático a ser desenvolvido em determinada aula é estabelecido antecipadamente, de comum acordo entre alunos e professor, porém esse conteúdo é focado e realizado sem nenhuma explicação do seu motivo, da sua importância e aplicabilidade. Assim, pode-se, amparado na afirmação de um dos discentes, confirmar: “Acho que o professor ou o seu estagiário deveria explicar o objetivo da aula, porque muita gente não faz porque não sabe o que está fazendo. Não faz porque não entende o que deve e o que está fazendo. O professor deveria dar um esclarecimento.”

Menezes et al. (2010, p. 249) atestam que “há uma separação durante as aulas de Educação Física, feita pelo próprio professor e pelos alunos, onde na maioria das vezes, pelo fato da liderança ser na maioria masculina, os meninos jogam futebol e as meninas fazem outra atividade, ou não fazem nada durante a aula.” Assim, concordantes, cerca de 70% dos discentes, nas suas falas, acham que as aulas na maioria das vezes são de futebol ou futsal e que ficariam mais interessantes e dinâmicas e – por que não mais competitivas? – sem as meninas, dando a entender, portanto, que preferem aulas separadas por gênero.

No tocante à contribuição ou agravamento das relações entre alunos e alunas, os docentes, ao serem indagados, foram concordantes que não ocorrem brigas, e sim disputas, afirmando um deles que “É normal e salutar. Discutem e se apaziguam”, apesar de isso ser contestado por um colega docente, que afirma: “Aulas deveriam ser separadas, pois sendo assim seriam mais produtivas, evitando as concessões que geram conflitos e descontentamento entre os gêneros.”

No entanto, observa-se que, nos relatos dos discentes, manter alunos e alunas no mesmo espaço físico pode favorecer que o relacionamento não aconteça de forma desejada, pois é fato a existência dos atritos, das divergências, da insatisfação e da frustração por parte daqueles que realmente gostam da prática esportiva, principalmente quando regras são impostas aos gêneros.

Essa observação é reforçada por Oliveira e Duarte (2011, p. 3), ao afirmarem que “um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro, nas aulas de educação

física acabam provocando desentendimentos entre os alunos”. É também endossada por um docente, que relata: “Enquanto não há motivo para o atrito, eles, os alunos de ambos os gêneros, se dão bem! Mas é só aparecer o jogo, a competição, que as manifestações de desagravo aparecem. Essa é a realidade da aula mista!”

É importante ressaltar nos depoimentos que, apesar de o gênero masculino ser considerado forte, dedicado aos esportes e às atividades físicas, mostra-se preocupado em assumir o papel de resgatar, de “puxar” o gênero feminino para a participação nas aulas, considerando a falta de habilidade e, principalmente, a falta de interesse desse gênero.

Já os participantes do gênero feminino fazem observações importantes, que ajudam a entender toda a problemática vivida nas aulas mistas, relatando como vantagem a possibilidade de aprender com os meninos, porém declararam que não participam, às vezes, das atividades físicas e observam muitas desvantagens nas aulas de Educação Física trabalhadas de forma mista.

Um dos docentes aborda na sua fala a possibilidade de contribuição da aprendizagem entre os gêneros, mas defende a aula separada, considerando as diferenças físicas da idade. Enfocando a aprendizagem, ele diz: “Apesar de entender que um aluno do gênero masculino mais habilidoso pode contribuir para a aprendizagem do colega do gênero feminino menos habilidoso, e o contrário também é verdadeiro, considerando o princípio da zona proximal de Vigotski, ainda defendo a aula separada por gênero, considerando que os adolescentes nesta idade se diferem muito, principalmente na disposição para as tarefas físicas.”

Como desvantagens, os representantes do gênero feminino se referem às diferenças específicas dadas ao gênero masculino, como: a força física; a falta de percepção e de delicadeza – ao participarem juntos são “atropeladas” pelos colegas; não se sentem à vontade; não têm liberdade para conversar coisas de mulher; têm medo de se machucarem; e não gostam de serem observadas quando usam calça legging³, pois se sentem inseguras e têm vergonha. Com relação ao aproveitamento da aula em si, do conteúdo lecionado, o gênero feminino se manifesta favorável a participar e a jogar, desde que separadamente. Uma das discentes assim se expressa: “Aproveitaria mais a aula se fosse separado. Só as meninas! Não gosto muito de fazer junto com os meninos”.

Essa afirmativa é endossada por Romero (1995, p. 2), ao observar que “as meninas, também em sua maioria, preferem as aulas de Educação Física separadas por não ter meninos dizendo que jogam melhor que elas, que os meninos são muito brutos, e que, sendo as aulas separadas, elas têm maior liberdade.”

Concomitantemente, um docente assim se expressa sobre as vantagens e desvantagens da aula mista, ressaltando que: “Não vejo vantagem em unir os gêneros numa mesma aula, pois é mais proveitoso quando tratamos os diferentes diferentemente. Na adolescência as diferenças são marcantes, principalmente as de maturação, por isso é preciso dar aos alunos a oportunidade de colocar para fora todo o seu potencial, seja ele físico ou técnico, e misturando-os numa mesma atividade fica perigoso para as alunas.”

Entre os docentes ocorre uma discordância quando perguntados sobre a ocorrência de interesse pelo sexo oposto e se esse comportamento é visto como vantagem ou desvantagem da aula mista. Um dos docentes assim se expressa: “Melhora. Quer fazer tudo certinho para mostrar para o namorado ou namorada. É estimulante, ainda mais nessa faixa etária. É vantagem!”. Entretanto, outro docente afirma que: “A aula de Educação Física não é local de paquera, mas sim para a prática do movimento, do esporte, da melhora da aptidão física. Para tudo temos a hora certa e a aula de Educação Física não está a serviço da paquera. Portanto, o foco da aula pode sim ser desvirtuado e com facilidade.”

Teixeira e Myotin (2011, p. 48) confirmam esse desvirtuamento dos objetivos da aula de Educação Física ao afirmarem que “há um grande interesse pelas aulas de Educação Física, só que este interesse não está totalmente relacionado com a prática das atividades e ao aprendizado esportivo. Muitas vezes este interesse está relacionado apenas com o sair da sala e poder conversar com os amigos e amigas”. Essa fala é confirmada pelos discentes deste estudo quando afirmam que as aulas de Educação Física mista ou separada não fazem diferença para um determinado grupo de alunos que não praticam as atividades, visto que não são “obrigados” a permanecer durante o horário no espaço destinado às aulas.

Alguns alunos ficam na sala de aula destinada às outras disciplinas, outros optam por ficar andando pelo campus e outros, até por sugestão do professor ou estagiário, caminham, segundo os

entrevistados, aleatoriamente pela pista de atletismo. Sem supervisão, sem controle de tempo ou esforço, perambulam pela pista, o que contradiz frontalmente o preconizado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas na Educação Física Escolar do ensino médio, conforme determinado no PCN (2000, p.42): “Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais”.

Outro fato que desestimula a prática da Educação Física, independentemente de ser aula mista ou separada, confirmado nas falas dos discentes, é que determinados alunos não fazem aulas por apresentarem atestados médicos ou simplesmente, como dizem os próprios alunos, “por não querer fazer ou não gostar”, e, como não ocorrem cobranças, preferem levar as faltas e ao final do semestre, comodamente, fazer um trabalho estabelecido pelo professor, como compensação às faltas. Segundo eles: “É bem mais fácil e cômodo”.

A opção dos docentes por ministrarem de forma mista as suas aulas de Educação Física Escolar se torna contraditória quando perguntados sobre qual tipo de aula preferiria, se mista ou separada. Defendem sua preferência pelas aulas separadas por gênero e que, inclusive, alguns já trabalharam dessa forma e acreditam que com essa opção teriam o seu trabalho reduzido, não por comodidade, mas pela qualidade, pela facilidade de traçar seus objetivos e pela melhoria da aprendizagem.

Um dos docentes reforça esse comportamento, dizendo assim: “Minha opção é por aula separada por gênero! Inclusive nas aulas de futebol do Curso de Licenciatura em Educação Física separo os alunos das alunas. Não tenho dúvida que é mais produtivo! Temos que lutar pelo que é melhor para o aluno e não aceitar as imposições”.

A fala anterior é reforçada quando Menezes et al. (2010, p. 246), ao citarem Sayão (2002), dizem que a “tentativa de alguns/as profissionais de Educação Física desenvolverem as práticas corporais tomando a coeducação como norte, apesar de serem bem intencionadas, muitas vezes não agrada a todos, ou seja, meninas e meninos sentem-se obrigados a participarem das atividades exigidas pelo professor de forma mista.”

É sabido que os discentes envolvidos nesta pesquisa estão encerrando um ciclo de informações e conhecimentos em suas vidas esportivas e, provavelmente, ingressando no ensino superior, não terão

mais a oportunidade de praticar atividades físicas de forma sistemática e organizada, como nas aulas de Educação Física Escolar. Portanto, é relevante ressaltar o que determina os PCNs (2000, p. 42): “esperar que os jovens sejam preparados para uma participação política mais efetiva no que se refere à organização dos espaços e recursos públicos de prática de esporte, ginástica, dança, luta, jogos populares, entre outros”.

Dessa forma, o professor ou educador físico deve despertar no aluno o gosto pela prática da atividade física, o gosto pelo esporte como uma forma de melhorar sua aptidão física, diminuindo a incidência de fatores de risco para doenças crônicas degenerativas, controle e prevenção da obesidade, objetivando melhoria na sua qualidade de vida.

Esses benefícios são reforçados pelo PCN (2000, p. 42), quando afirma “que o aluno do ensino médio deve compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas e refletir sobre as informações específicas da cultural corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em base científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para manutenção ou aquisição de saúde”.

Oliveira e Duarte (2011, p. 3) reforçam o “desenvolvimento das qualidades físicas e as habilidades motoras que são igualitárias aos dois sexos, e o que não pode ocorrer é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro, devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro”.

Assim, quando investigamos como os docentes e discentes das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG se manifestam quanto às aulas de Educação Física Escolar, com participação de ambos os gêneros, constatamos que existem informações suficientes que nos levam a crer e afirmar que as aulas, da forma como vêm sendo ministradas pelos docentes, devem ser revistas, considerando que um dos papéis da Educação Física, segundo as Orientações Curriculares (2008, p. 225), consiste no fato de que “os valores das práticas corporais são componentes que contribuem com a formação do cidadão e espera-se que os alunos do ensino médio tenham a oportunidade de vivenciarem o maior número de práticas corporais possíveis”.

“Assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas e consciente de sua importância” é uma das expectativas do PCN (2000, p. 42). Portanto, sugere-se que os alunos sejam ouvidos na tentativa de ajustar as aulas aos interesses maiores da disciplina e dos praticantes, pois assim a Educação Física estará resgatando o elo esquecido e ao mesmo tempo valorizando a sua prática.

Quadros ilustrativos - resumos

Quadro 1 - Justificativa sobre adoção de aulas mista

JUSTIFICATIVAS SOBRE A ADOÇÃO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MISTA	
DOCENTES	
Por causa do sistema.	
Influência da faculdade.	
Horários de outras disciplinas.	
Estágio dos alunos bolsistas.	

Fonte: TEIXEIRA COSTA, 2013

Quadro 2 - Entendimento da aula de Educação Física Escolar mista

ENTENDIMENTO DA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MISTA	
DOCENTES	DISCENTES
Ocorre em dois momentos: juntos e depois separados por gênero.	Fato de ocorrer dentro da sala de aula, na quadra e no campo.
	Ocorre em dois momentos: juntos e depois separados por gênero.

Fonte: TEIXEIRA COSTA, 2013.

Quadro 3 - Aulas mistas – vantagens e desvantagens

AULAS MISTAS – VANTAGENS E DESVANTAGENS		
	DOCENTES	DISCENTES
Vantagens	Coesão	Coesão
	Interação	Interação
	Referência	Referência
Desvantagens	Não tem	Resgate das meninas para as aulas
		Insegurança.
		Falta de liberdade
		Quebra a dinâmica
		Causa insatisfações
		Favorece conversas paralelas
		Amplia as divergências
		Favorece a desmotivação
	Favorece frustrações	

Quadro 4 - Sobre as aulas mistas

SOBRE AULAS MISTAS		
CATEGORIAS	DOCENTES	DISCENTES
Atritos	Presentes	Presentes
Competitividade	Presentes	Presentes
Aprendizagem	Presentes. Gênero masculino é referência.	Presentes. Gênero masculino é referência.
Atração pelo sexo oposto	Melhoram	Atrapalham as aulas
Aula mista ou separada?	Separada	Separada
	Reduz o trabalho	Maior liberdade de ação*
	Melhora a qualidade	Aula dinâmica*
	Melhora a aprendizagem	Diminui atritos*
	Mais produtiva	Aulas prazerosas*
		Melhora o rendimento*
		Favorece a demonstração das habilidades*
		Sem adoção de regras*
		Melhora a motivação*
		Encoraja a participação**
		Menos lesões**
	Sentem-se seguras**	
	Diminui agressividade***	

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Concluimos, portanto, que nas falas dos entrevistado, apesar de as justificativas serem diferentes, há concordância nas opiniões do corpo docente ao elegerem as aulas mistas como forma de trabalhar. À exceção de um dos docentes, os demais afirmam que desejariam trabalhar com as turmas separadas por gênero, alegando que as aulas são mais produtivas, dinâmicas, fáceis de serem elaboradas, alcançando melhores resultados no tocante à qualidade e aprendizagem.

Quanto aos discentes, também há concordância sobre a adoção das aulas de Educação Física separadas por gênero. Afirmam ainda que teriam mais liberdade ao executarem as atividades, principalmente entre o gênero feminino, pois não se sentiriam constrangidas e sem liberdade, sentindo-se observadas pelo gênero masculino, devido ao uso de calça legging ou ao agachar ou deitar, assim como pela sua falta de habilidade ao realizar movimentos.

Alegam, também, que as aulas seriam mais dinâmicas, pois não haveria imposições de regras. Concordam que, devido às concessões e às regras impostas, ambos os gêneros, ao dividirem o mesmo espaço físico, ficam sujeitos às divergências, às insatisfações e frustrações, o que pode culminar na desmotivação.

Apesar dos resultados alcançados nesta pesquisa, propõem-se mais estudos que possam ajudar a entender as aulas de Educação Física Escolar, sejam elas mistas ou separadas, de modo que elas sejam vistas em função das necessidades dos discentes, oferecendo-lhes conhecimentos suficientes para que possam, em suas vidas, ser autônomos nas suas práticas corporais.

THE MIXED CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION IN THE STUDENT BODY'S AND TEACHERS' VISION OF FLORESTAL/MG CITY'S HIGH SCHOOLS

ABSTRACT

This study aimed to investigate how the involved actors, teachers and students, in physical education classes of high school in the city of Florestal/MG manifest, in relation to classes with both genders students participation, in other words, mixed classes. For this, it is necessary to explain concepts built in Physical Education on body practice, interests,

perception mode and interference in classes. There is a contradiction in understanding the concept of what is a mixed class by the teacher and the student body because it was noticed that most of the time, the classes take place simultaneously for boys and girls in the same space, with girls separated, performing different activities from boys, which does not characterize the mixed class. We conclude that mixed classes, the way they are being taught by teachers should be reviewed considering the curriculum guidelines and the NCPs (National Curriculum Parameters) and that the students be heard in an attempt to adjust the lessons to the best interests of the discipline and their practitioners. In this way, the Physical Education will be rescuing the forgotten link and at the same time enhancing its practice. It is suggested, therefore, further studies to help to understand the physical education lessons, whether mixed or separated, but that they be seen based on the students' needs, providing them sufficient knowledge so that they can be, in their lives, autonomous in their body practices.

Keywords: gender, mixed, separation, Physical Education, student, teacher.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, Eliane (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 157-176.

ALTMANN, H.. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; GARCIA, Emilia Fernandez. Educação Física Escolar e igualdade de gênero: um estudo transcultural – primeiras aproximações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS E DO ESPORTE, 16.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009.

BERRIA, Juliane et al. O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 143, 2010.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira. **As relações de gênero e o cotidiano do professor de Educação Física: em prol de uma**

pedagogia não-sexista. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/as-relacoes-genero-o-cotidiano-professor-educacao-fisica-prol-uma-pedagogia-nao-sexista/>>. Acesso em: outubro de 2012.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista *versus* aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, 2009.

FERREIRA, José Luiz. As relações de gênero nas aulas de educação física. Um estudo de caso em uma escola pública de Campinas. (Dissertação de mestrado em Educação). **Cadernos Cedes**, João Pessoa, v. 19, n. 48, agosto 1996. .

MENEZES, Isabela Santos; SANTOS, Marcela Gobbato; SÁ, Kátia Regina; BORGES Liliana. Relação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, n. 1, 2010 - ISSN: 1981-4313.

MANZINI, José Eduardo. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/MANZINI-Jos%C3%A9-Eduardo-Entevista-semiestruturada-An%C3%A1lise-de-objetivos-e-de-roteiros.pdf>>. Acesso em: outubro de 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares – ensino médio, 2000. Parte II - Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: outubro 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagem, códigos e suas tecnologias.** Brasília. 2008. Volume 1. 239 p.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes; DUARTE, Cátia Pereira. **Discurso dos professores e professoras de educação física sobre o relacionamento de meninos e meninas.** Disponível em: <www.pibid.ufpr.br/pibid.../edfisica2011/.../Discurso_meninos_meninas.pdf>. Acesso: maio 2013.

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado; SCHELLIN, Fabiane de Oliveira; RIGO, Luiz Carlos. Meninas na Educação Física: por que elas não jogam? **EFDeportes.com. Revista Digital**, Buenos Aires, v. 16, n. 160, 2011.

ROMERO, Elaine; AGUIAR, Janaína. Como o corpo docente e discente percebe as aulas de Educação Física mistas e separadas por sexo. **Apostila IX COMBRACE**, Vitória, ES, 1995.

SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero, educação e educação física: um olhar sobre a produção teórica brasileira**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2377—Int.pdf>>. Acesso em: junho 2013.

SOUSA, Estaquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, 1999.

SOUSA, Estaquia Salvadora. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação em Belo Horizonte (1897-1994)**. 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, 1994.

SOUZA, Carolina Maciel. **Relações de gênero e Educação Física: “visão de jogo” e beleza**. 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2009.

TEIXEIRA, André Gustavo Alves; MYOTIN, Emmi. Cultura corporal das meninas: análise sob a perspectiva de gênero. **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 45-48, jan.-jun. 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURINI, Gabriela Rezende de Oliveira et al. Gênero e Educação Física Escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 147, 2010.

VIANNA, Alexandre Jackson Chan; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. **Gênero e Educação Física Escolar: uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e o sexismo**. Disponível em: <www.cbce.org.br/cd/resumos/244.pdf>. Acesso em: maio 2013.

Endereço para correspondência:

Praça Torquato de Almeida 45 -
Florestal/MG

E-mail: dulcimarteixeira@gmail.com.br